

A SEMANA

DIRECTOR. VALENTIM MAGALHÃES

Redactor-gerente, MAX FLEIUSS.

Escritorio, rua dos Ourives n.º 71, 2.º andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO, 28 DE OUTUBRO DE 1893

EXPEDIENTE:

Assignatura annual. . . 12\$000
 " semestral 7\$000
 Numero avulso. . . . \$200
 " utrazendo \$300

SUMMARIO.—Historia dos sete dias.—*J. de Egypto*; Noticias Scientificas.—*O Letudo*; Egoismo, poesia, *Alcides Flavio*; Sobre o Fidelis.—*G. Redondo*; A epopéa do verite, soneto.—*X. de Carvalho*; A vida, *V. Magalhães*; Curiosidades literarias—*Traça da Silva*; Covardia, soneto—*Plácido d' Almeida*; Poesia e Poetas—*A. Magno*; Chronica do sport—*J. Derby*; Atravez de um sonho, poesia.—*J. Andréa*; Os collegas; Os charutos do Garnier—*Fischio*; A rua do Onvidor, soneto—*Neves Armond*; Factos e Noticias; Tratos á bota—*Frei Antonio*.

Historia dos sete dias

Não tive macacóa, como fez constar o *João Sinctro*.

Se não venho, ha dois sabbados, fazer o meu officio é porque me falta animo para tão pouco.

Ando azabumbado.

Apanhei esta expressão não sei onde. As expressões são como os golpes de ar—apanham-se subitamente, sem que se saiba donde vêm.

Achei-a pittoresca e eloquente.

—Como vaes tu?

—Azabumbado.

Não ha nada mais expressivo.

Dá a perfeita idéa do atordoamento de uma alma em que as calamidades zéperem com furia.

Mas não sou eu só que estou azabumbado—todo o paiz o está.

Nesta situação psychologica, sabem que me lembrou? Fugir os loucos que vivem fóra do Hospicio dos Alienados e procurar o convivio dos homens de siso que lá dentro moram.

E fui conversar com o meu amigo Chico Sciencia, doudo de primeira classe.

E' um homem alto, macerrimo, mui correcto nas vestes como nas falas, barbas patriarchaes, mãos interminaveis, olhos grandes, claros, tão vivos e cheios de fogo que parece haver-se-lhe toda a alma concentrado nelles, onde arde, inconsumivel, devorada em chammas eternas.

E' homem de boa e vária leitura, que foi um pouco de tudo e é como um sacco enorme de conhecimentos diversissimos, que um dia se misturassem, se derramassem uns nos outros, devido a algum sacolejo forte.

Logo que ensandeceu, teve crises violentas, queria estrangular com suas grandes mãos os "fluidos moraes" e ia afogando

nellas os enfermeiros. Sereou depois, tornando escusada a comisa de força e passando de trinca-fortes a pacifico philosophante.

Gosta que lhe chamem o "Sabedor" e lhe dêem o tratamento de Sua Sapiencia.

Nunca lhe falta com elle. Dahi a sua deferencia affavel para commigo.

E' ledor assiduo de tratados philosophicos, mas desdenha a imprensa, não lê jornaes.

Ninguem melhor que o Sciencia, que é doido e não lê as folhas, podia convir-me como esclarecedor dos casos escuros e tristes em que nos vamos morrendo.

Fui entrevistado sobre elles. Porque são plausivel excluir os demones do exercicio da *interview*?

"E' nas trevas que existe a verdadeira luz" disse um poeta nosso, afeiçoando o pensamento de um collega, estrangeiro e grande.

Fui, pois, ao Sciencia. Recebeo-me com suprema gentileza, como um philosopho de alta linhagem, com ademanes cheios de nobreza e palavras cheias de intelligencia.

Fez-me sentar a seu lado á sombra de velha mangueira, em que gorgeavam passaros. Vinha descendo o crepusculo, empoeirando de tristesa o ar e as cousas.

Soturnamente, espaçadamente, ribombava o canhoneio.

Ora longe, ora perto, estalavam risadas e soluçavam cantilenas. Uma augusta figura branca de mulher atravessou gravemente, imprecando o céu com os braços magros;—era lady Macbeth. Outra, joven e linda, passou bailando, espargindo rosas—era Ophelia. E lá eu ia enxergando em cada louco um héroe da tragedia e da historia, quando o Sciencia, pousando um grosso livro de Platão, tocou-me levemente o braço e, estendendo a sinistra para o lado do mar, falou-me:

—Está ouvindo, senhor? Está ouvindo este barulho enorme de trovões partidos?

Respondi-lhe estar ouvindo. E como lhe explicasse que era um combate de fortalezas e náus de guerra, meneou negativa e gravemente a cabeça e respondeo-me:

—Não é isso. São os miolos do mundo que estão rebentando. E' a loucura final, que as sagradas escripturas figuradamente chamam—o final Juizo. Bem sabe que sou o Sabedor.

—Bem sei, Sapiencia.

—Pis bem. O universo ensandeceu pelo esgotamento dos fluidos phisicos, como ensandecem os homens pelo dos fluidos moraes.

"Só eu resisto, só eu resto com juizo, porque tenho provisão grande de todos os fluidos—phisicos, moraes e mentaes. Quer que lhe dê uma porção?

—Obrigado; por enquanto tenho fornecimento. O que eu desejava é que me desse a sua opinião sobre os acontecimentos.

—Do melhor grado. Mas quaes acontecimentos?

—Os do Brasil.

—Ah! o Brasil. Tenho idéa:—um paiz da Atlantida, muito grande, muito rico, todo verde e ouro, em que rolam rios enormes, as pés de enormes montanhas, rasgado valles profundos, em que as seáras crecem prodigamente. Paiz de abundança, paiz de fadas, sei, em que ha toda especie de animaes, excepto uma, na verdade bem rara—o homem. Ah! o Brasil, bem sei. Lá continuam a esboroar-se os miolos do mundo. E' pena.

—Mas que diz da revolta?

—A revolta?! Sei. A dos anjos contra o creador delles e de tudo. Ou talvez a dos gigantes para escalar o céu, ou a de Prometheo, para roubar-lhe o fogo....

—Não falo dessas. Falo da revolta da Armada contra a Legalidade.

Teve aqui o meu amigo um sorriso de dó, pensou um instante, e por fim, docemente:

—A Legalidade! Lembraes-me, vós outros, fazedores de ideias, constructores de phrases, esses santeiros ingenuos que acreditam na virtude dos manipanços que elles proprios fabricam. Sabeis porque razão ahi vão estourando os miolos do mundo? Por essa aberração esquesita de querer governar o com palavras. Palavra é som, é som que passa, é a vibração do ar ferido por sonoridade sahida de bocca humana. Palavra é vento, palavra é nada.

"E' a convenção que vos mata, loucos mortaes. Tudo em vós é convenção, é ficção, é symbolo. Entregaes os pulsos e o collo ás gargalheiras da Illusão, filha vossa, e á canga do Preconceito; vosso pae.

"Sois os titeres do dictionario. E' o dictionario que vos guia e manda. Libertaes-vos desse jugo indigno. Sei como arranjaes as vossas coisas politicas. O grupo mais forte subjuga o mais fraco, escolhe um deute os seus, mais energico ou mais vistoso, dá-lhe o cajado do pastor ou o chicote do tropeiro, e impõe-o aos vencidos, dizendo-lhes: "Este é o nosso—repara: o nosso—governador, o nosso rei, o nosso senhor. E ahi está a Legalidade. Ella outra coisa não é senão a Força. E', sempre foi, sel-o-á sempre.

"Depois, querendo ou fingindo esquecer que essa legalidade foi amassada no barro

vil da ambição por vós mesmos, prostraes-vos ante ella, extasiados de veneração... até que outro grupo, outra gente mais forte que vós, por seu turno vos subjague e vos imponha o seu idolo, a sua legalidade, por ella creada á sua imagem e semelhança.

— Mas, meu caro Sciencia—obtemperei — e o Povo? Esqueceis o Povo!

— O Povo! Sei... E' outra palavra. O boi é forte, mas teme o homcin, o homem é forte mas teme Deus, além de temer todas as legiões do Invisível. Deixae passar esta phrase. Apenas eu a comprehendo. Imaginae um rebanho de carneiros impondo a lei ao pastor. Não o podeis imaginar. Porque? Porque os carneiros foram feitos para ser pastorados, não para pastorear. Imaginae agora um rebanho de lobos. Também não o podeis. Porque? Porque os lobos não se arrebanham, os lobos fazem-se pastores para comcrem os carneiros. Estou confuso, talvez.

— Ao contrario, Sabedor, estacs lucido. Não reconhecéis então a legitimidade das revoluções? Desta, por exemplo.

— Perdão, senhor; ha pouco dissestes — revolta, se bem me lembro.

— E' verdade. Revolução ou revolta; por enquanto é o mesmo. Só a Historia, mais tarde, muitos annos adiante, poderá dizer e decidir se é revolta ou revolução. O presente propõe e o futuro dispõe.

— Falaes como um livro, como este, do divino Platão. Toda revolta, como toda revolução é sempre legitima. Rebelar-se é o prazer dos homcns, como vingarse é dos deuses. E, demais, porque não rebelar-se a gente contra o jugo de palavras vans? Desobedecer é indicio de fortaleza, maxime se se desobedece a fortes. Fortes, fortaleza... vêde como cstou marcial e, sobretudo, actual... E' a prepotencia dos lexicons. Comprimi a borracha. Que faz ella? Estica, incha, dilata-se, repelle a compressão.

“A distensão é o direito da borracha, a revolta é o direito dos povos — direito bem pouco usado, infelizmente. Perguntaes-me se esta revolta ou revolução é legitima. Não a conheço. Mas deve sel-o.

“Toda reacção é legitima, como correcção ou emenda da acção. Falo em geral, como sabedor que das cousas sou, sem me escravisar a palavras. Enchei um copo em demasina. A agua transborda: é o seu direito. Ponde nma represa a um rio: as aguas vêm, agglomeram-se, inflam e, por fim, saltam a represa, pouco importando que se ella chame *Legalidade* — porque não são as palavras que regem o mundo, mas sim os factos. Quem vence, afinal, é a Verdade. A Verdade escreve direito por linhas tortas.

— Sois custodista? então, Sapiencia?

— Não vos entendo. Sou um homem libertado das palavras e das pessoas. Falando-vos, é a mim que falo. Não sei que coisa é custodista. Custodismo que é?

— Isso tudo vem de chamar-se Custodio o chefe da revolta da armada.

— A evolução do universo não conhece nem eleger nomes. O fluido moral é que o governa e para elle conseguir seus fins,

todos os nomes, como todos os meios, são bons.

“Pensaes que esse tal Custodio é um factor, e enganaes-vos — é um instrumento. O instrumento é cousa secundaria. Tinha o punhal de Bruto o cabo lavrado com arte e gosto? E a taça de cicuta de Socrates, era um primor de cinzelamento? Que importa? Não vos prendaes a ninharias. Subi mais alto. Entrae no amago dos factos. Tenho notado que os homens mascaram-se até para se verem ao espelho, tão grande medo os possue de se reconhecerem a si proprios.

“Mas... reparaes... Continúa a estourar o cerebro do mundo. Que cataclysmo! E que felicidade também! Só eu restarei, são e forte, para escrever e transmittir á eternidade dos tempos a historia estupenda da loucura do mundo!”

Um guarda veio prevenir-me que era a hora de sahir. Sahi. Na porta, volvi os olhos e vi o meu pobre Sabedor de pé, alto, immenso, na pallidez crepuscular do céu, estendendo solememente a dextra descarnada e longa para o lado de onde vinham lugubres, espaçados, longos, os ribombos do canhoneio.

E ao entrar de novo na cidade, que a guerra dos ajuizados enchia de fumo, sangue e pavor, trazia eu derramada n'alma, como um oleo santo, a estranha eloquencia allucinada do pobre louco.

JOSÉ DO EGYPTO.

NOTAS SCIENTIFICAS

A psychologia do hypnotismo

Na “New Review”, de Londres, publicou ultimamente o Sr. Lloyd Storr Best um interessante artigo sobre o hypnotismo, artigo que lemos com acurada attenção e cuja parte principal transcrevemos.

“O publico, diz Storr, obstina-se em considerar o hypnotismo uma coisa mysteriosa e inexplicavel, não contentando entretanto, a sua realidade. A medicina deve ao hypnotismo innumerados successos; e com effeito a sua applicação tem sido vantajosa para acalmar as dores, para curar nevroses e até se tem recorrido á suggestão, e com optimo resultado, para molestias organicas. Estas applicações therapeuticas do hypnotismo parecem a Storr Best tanto mais favoraveis por isso que o hypnotismo para elle nada mais é do que a consequencia normal das mais elementares leis da psychologia.

Eis o detalhe dessas leis:

1º. “A consciencia varia na razão directa da acção dos estimulantes” exteriores. Se se isolar um espirito de todas as influencias que tem acção exterior sobre elle, ter-se-á occasião de ver todo o pensamento e ainda toda a vontade subjugada. Michaél Forster cita o caso de um homem que era surdo de ambos os ouvidos, meio paralytico e zarrolo: esse individuo apenas conseguia fechar a unica vista que possuia, dava-lhe logo o somno. Um professor allemão citou caso identico, de uma criança surda e zarrola e que de si mesmo dizia — “Quando deixo de ver, é como si estivesse morta.”

2º. “A consciencia varia também na razão directa da attenção.” — Newton não sabia diser se havia juntado ou não. Hack Tuke conta a historia de um cirurgião, que de tal modo se deixava absorver pelas suas pesquisas scientificas, que ia ao hospital, examinava os doentes, classificava-os, praticava operações, tudo isso inconscientemente e sem guardar pelo menos uma vaga recordação.

3º. “Por outro lado a attenção pôde attingir a um certo gráo de tensão que faz escapar o exame e aniquila a consciencia.” E' por isso que os fakirs e os yoghis da India, os mysticos do Monte Átros, conseguem, por meio de prolongada contemplação, produzir em si o “extase” isto é o isolamento completo do mundo exterior. Antes da introdução do chloroformio na therapeutica, os medicos, para anestesiarem os doentes, mandavam-os fixar toda a attenção num objecto.

4º. “E o facto de concentrar toda a attenção num só objecto impede, muitas vezes, não só a lembrança dos outros objectos, como também a do proprio objecto.” Pois a recordação não se opera senão por um effeito de associação de idéas. Se procurarmos lembrar-nos de um nome não o conseguiremos sem appellar para as circumstancias que ligaram esse nome ao nosso espirito. Ora, si o pensamento é monopolizado por um só objecto e por um objecto sem relação com os que o cercaram, é bem possivel que, mais tarde, não possamos descobri-lo, embora a attenção dispensada no momento.

5º. “Toda a idéa tende sempre a se realizar sob a forma d'uma sensação, ou d'uma acção.” E' uma das leis fundamentaes da psychologia. Si não nos movemos quando queremos é que a isso nos impedem idéas contrarias, mas predominando uma idéa, a sua realisação será fatal. Um estudante de medicina, a quem o professor explicára, sorrindo, a maneira mais facil de cortar o peçoço, mal acabara a lição cortou o proprio peçoço.

Um carneiro, diz Bennett, ficou suspenso por um gancho que entrou-lhe no braço. O pobre homem desmaiou e depois experimentou todas as sensações dolorosas que produzem as feridas de tal genero. Quando lhe examinaram o braço, acharam-no intacto: o gancho penetrára sómente na manga da blusa. E' sabido que muitas pessoas têm morrido de raiva simplesmente porque acreditaram que estivessem damnados os cães que as morderam.

“O hypnotismo, prosegue Storr Best, não é mais do que a applicação pura e simples das cinco leis universalmente reconhecidas. Para hypnotisar uma pessoa qualquer deve-se, antes de tudo, isolal-a do mundo exterior.

Concentrando a attenção sobre um só objecto, impedindo-a de perceber as differenças, restringe-se o campo da consciencia.

Dahi attrahe-se todo o pensamento do hypnotisado, mantendo-o n'um estado de extrema tensão.

Depressa a attenção escapa ás forças da vontade e o individuo fica á mercê do objecto que lhe impozeram.

Despertado, não conservará nenhuma lembrança da idéa fixa que tanto o preocupou em estado hypnotico, pois a fixidez mesmo dessa idéa isolou-a das outras que a acompanharam. O physiologista allemão Heidenhain, tendo hypnotisado seu irmão, recitou-lhe um

verso de Homero, depois despertou-o e verificou que elle de nada se lembrava.

Mas quando Heindenbain falou lhe em Homero, o irmão, após longos esforços, citou o verso que ouvira em estado hypnotico.

"Quero ainda dizer uma palavra sobre as suggestões altamente hypnoticas que têm para o publico o caracter de sobrenatural. Um exemplo concreto. Tendo hypnotizado um individuo eu disse-lhe, que no dia immediato, ao almoço, elle teria fortissima dor de dentes e que, levantando-se e passeiando durante alguns minutos, o mal desaparecia. Tudo o que disse realizou-se com uma precisão mathematica. Si houvesse suggerido uma acção e sensação immediatas nada haveria de extraordinario. Porém, como me foi possível suggerir uma acção e sensações futuras? E como foram ellas realizadas? E' que a idéa do almoço pela manhã seguinte fazia parte da consciencia do hypnotizado, e ligou-se á das sensações e da acção por mim suggeridas. No dia seguinte ao almoço a associação de idéas acarretou naturalmente o resto da ordem."

Este é o caracter normal e essencialmente psychologico do hypnotismo, que, segundo Starr Best pôde tornar o emprego do hypnotismo precioso á therapeutica, pois todo o estado d'alma tem a sua correlação.

O. LETUDO.

EGOISMO

Ulva, talvez, lá fora o vento. A tempestade roe nos trovões. Os rios caudalosos erguem minúsculos dorso e nimbos procellosos lançam raios, a flux, da negra immensidade. Gritos, prantos, talvez, os campos inundados, a choupana alludado, a miséria bem perto, e, quem sabe? amanhã das aguas no deserto boiarão tristemente uns pobres afogados.

Isso tudo, talvez, ou ainda mais, lá fóra existe, e ainda sluto e ainda vejo agora.

Ou, quem sabe? a traição os seus dentes afiando busca a lançar-me o pé?... Ou a juveia mesquinha procura se abater sobre a cabeça minha como abutres em torno a um corpo miserando. Ou talvez haja sol, e pinte a primavera prados de intenso verde o bello céu de indigo, e neste mesmo instante um coração amigo emitta sobre mim uma phrase sincera.

Isso tudo, talvez, ou ainda mais, lá fóra existe, e ainda sinto e ainda vejo agora.

Vejo apenas a sala em que trabalho e sonho: umas flores allí, em frente pobre tela, meus livros junto a mim, e a um canto da janella um busto de mulher fitando-me risonho. E ela tão só o que vejo e o que sinto a meu lado após tanto lutar... Quanto é doce a ventura de lusular-se do mundo e sorver-se a doçura de amar e ser tambem sinceramente amado!

11-11-90.

ALCIDES FLAVIO.

SOBRE O FIDELIS

(Necrologio Alegre)

A morte do Fidelis foi-me transmittida esta manhã pelo noticiario escasso de um jornal do interior.

Em oito linhas, com pouca grammatica e muita virgula, o despreocupado órgão montezinho fez o panegyrico insulso d'esse originalão, que em vida se chamou Fidelis e que, agora, acaba de lograr os vermes com a sua estirada magreza de etico chronico e mumificado.

Conheci o Fidelis, como toda a gente o conheceu,—porque este typo era popularissimo—nos bons tempos em que elle,

ainda com um pulmão intacto, flanava por Santos, de sobretudo longo, nos dias de noroeste, soprando aos dedos, a tiritar de frio, como quem curte maleitas.

E, d'esse magro legendario e gelido, a minha memoria guarda uma recordação hilaritante e picada de anedoctas grotescas.

As minhas relações com o Fidelis estabeleceram-se assim:

Uma tarde, entron-me em casa um sujeito esguio e disse:

— Dr., venho aqui para ouvir a sua opinião sobre um assumpto grave. Estou construindo um predio que fica a uma braça do terreno do meu vizinho. O mestre da obra disse-me que era conveniente abrir setteiras no meu predio, mas o vizinho oppõe-se. Ora, eu faço questão séria de abrir essas setteiras porque as julgo indispensaveis. Digame: tenho o direito de abri-las?

Respondi-lhe que sim e expliquei-lhe o motivo.

O Fidelis, muito satisfeito, perguntou-me então:

— Mas o Senr., aqui em sua casa não tem setteiras?

— Nem preciso d'ellas.

— Pois olhe, é uma coisa indispensavel n'uma casa de familia.

E levantando-se, a esfregar as mãos de contentamento e de frio, tomou o caminho da porta.

Ao atrevesar a soleira, voltou-se bruscamente e interrogou:

— Ah! é verdade, Dr., esqueceu-me perguntar-lhe uma cousa: O que são setteiras?...

Eis aqui como eu tracei relações com o Fidelis.

Ora, este original era negociante e tinha uma logita de armarinho n'uma das ruas mais estreitas de Santos. E a despeito de ninguem lhe lobrigar a freguezia, que era ou parecia escassissima, o magro tinha dinheiro e predios.

De onde lhe veio, como ganhou essa fortunita, nunca se soube. Certamente herdou-a, porque o Fidelis era honesto.

Como Tartarin de Taraseon, que tinha dentro de si um D. Quichote e um Sancho Pansa, assim o Fidelis tambem dentro de si possuia um Tartarin e um Bezuquet.

Inconscientemente audaz e exagerado como Tartarin, fazendo de si proprio o mais elevado conceito, elle era tambem timido, poltrão e doce como esse pharmaceutico Bezuquet, que inventara, na phrase caustica do ferino Costecalde, "le sirop de cadavre, vers comprimés."

Somente, o Fidelis não inventara xaropes.

E se não lia, como Tartarin, as chronicas façanhudas e enamoradas dos cavalleiros andantes, em compensação elle lia... o "Jornal do Commercio," que recebia semanalmente, em maços, pelos navios ou vapores, que aportavam a Santos.

Como, porém, succedia que nem sempre o tempo lhe sobrava para a leitura assidua, o Fidelis ia amontoando os maços de jornaes, intactos, durante mezes, a um canto da loja.

Lá uma vez ou outra, pegava n'um maço, ao acaso, abria-o, tirava um jornal e ia para a porta da loja dar pasto ao seu irresistivel desejo de saber "novidades frescas."

E, então, era vel-o a dar gargalhadas homericas, ou a fazer exclamações como esta:

— Ora essa!... pois então o ministerio cahiu!

Os transeuntes, muito admirados, de olhos esboalhados, paravam e interrogavam:

— Como? O ministerio cahiu?... O Fidelis insistia:

— Cahiu, sim senhores, cahiu.

Os outros, duvidosos, objectavam:

— Isso não pôde ser: ainda os jornaes recebidos hontem dizem que o ministerio tivera um voto de confluência do parlamento....

— Patranhas dos jornaes governistas, exclamava o Fidelis. O ministerio cahiu; isso não soffre duvida; quem o diz é o "Jornal do Commercio" e o "Jornal" não mente. Olhem, cá está:

E lia alto, accentuando as syllabas, para que todos ouvissem:

"Hontem o Sr. Presidente do Conselho foi a Petropolis a fim de pedir a demissão collectiva do Ministerio. S. Magestade, depois de ouvir os motivos expostos pelo Sr. Presidente do Conselho, dignou-se acceita-la e pediu "que lhe enviasse o Conselheiro Sa-raiva.".....

— Mas, isso é noticia do anno passado, interrompiam os ouvintes, a rir.

— E, só então, o Fidelis ia ver a data do "Jornal" e se apercebia que estava a ler as "novidades".... do anno anterior.

Uma das manias caracteristicas deste curioso typo era a de dar noticias sensacionais.

E, como Tartarin, fazia-o sempre com ares de conspirador, que elle já tinha, com a cara mole enterrada na gola do sobretudo, cercado de um certo mysterio, que o encantava e que lhe punha na alma, em extremo vibratil, o mais intenso prazer.

De uma feita, elle encontrou-se commigo e, puxando-me para dentro de um corredor, disse-me a tremer de frio:

— Quer saber uma coisa horrorosa?...

— Horrorosa?... ..

— Sim, o que ha de mais horroroso e triste.

— O que é?

E elle, collando a sua bocca á minha orelha, segredou:

— Imagine que o Mathias vai á Europa e leva a familia!...

— E o que ha n'isso de horroroso e triste? perguntei-lhe estupefacto.

— Hom'essa! pois então aquella familia.... aquellas pobres crianças.... os naufragios que andam por allí.... as tintureiras que já apparecem na bahia do Rio.... Só de tal me lembrar, estremeço. E' por isso que eu não me quero casar.

E partiu a correr, batendo os queixos, para contar essa cousa horrorosa a outro.

De outra vez, estavamos no theatro. N'um dos intervalos, o Fidelis esbarra-se commigo e diz-me agitadoamente:

— Por um triz que nao quebro, agora, a cara ao Lima. Malcreado! passa por mim e finge que me não vê. Vi-me forçado a dizer-lhe dous desaforos grossos....

N'isto, apparece o Lima e dirige-se para nós risonho e comprimenteiro.

O Fidelis, simulando que o não vira, leva-me subitamente para dentro de meu camarote e diz-me:

— Agora, outra cousa: sabe que sou seu amigo?

— Sim-lhe muito grato por isso.

— Então, ouça:

E, com voz tremula, assustadica, sempre a tiritar de frio, acrescentou:

— Vi entrar, ha pouco, dous bombelros na caixa....

— E o que tem isso

— E' signal que a cousa já começou a arder lá por dentro.

— E, d'ahi ?

— Hom'essa ! pois o Sr., com familia aqui... não se assusta ? Eu cá vou-me embora já.

E sahiu, dando costas ao Lima.

Outra mania do Fidelis era consolar anojados.

Certa occasião, morreu a mãe de um amigo nosso e quem me deu essa triste nova foi o Fidelis.

Perguntei-lhe se ia ao enterro e elle, distrahidamente, respondeu-me:

— Hoje não posso, mas, amanhã, vou com certeza.

E para não ser notada essa falta, dous dias depois, o Fidelis lá foi a casa do amigo levar os seus peçames e o consolo da sua palavra funebremente animadora.

Encontrou-o em companhia do pai e das irmãs, que o receberam tristemente.

O Fidelis sentou-se e, após um pequeno silencio, começou a enumerar as boas qualidades da defuncta.

A cada virtude da fallecida, que elle lembrava, o viuvo e as filhas, muito sensiveis a taes recordações, desfazião-se em pranto; mas o rapaz, o nosso amigo, esse mantinha-se virilmente sereno, de olhos seccos, sem derramar uma lagrima.

O Fidelis reparava n'isso, e muito intrigado com essa insensibilidade, não podendo conter a sua indignação, em certo momento, em que se achou a sós com o rapaz, disse-lhe desabridamente:

— Que diacho ! já fiz seu pai chorar; chorar já fiz suas irmãs e só você não chora ! Já é ser duro !...

E, n'um arranco final, para fazel-o chorar, accrescentou:

— Lembre-se que sua mãe morreu...

E, como ainda d'essa vez o outro não chorasse, o Fidelis cortou relações com elle e, indignado, contou o caso a toda gente.

De outra vez, em uma roda, fallava-se de homens illustres, que tinham galgado eminencias sociaes á custa do esforço proprio, e o Fidelis disse vaidosamente:

— Isso de subir é uma questão de acaso. Querem vocês ver ? Quando meu irmão Gaudencio começou a aprender a ler, eu já estava na artinha. Hoje, meu irmão Gaudencio é conselheiro d'Estado; vejão, vocês, onde eu estaria, se continuasse os estudos !...

E ficou sério e ufano, emquanto os da roda riam.

Onde iria eu parar tambem, se quizesse citar todas as anedoctas d'esse extraordinario Fidelis que a morte arrebatou ha dias ?...

Viveu muito tempo em Santos emquanto um resto de pulmão lh'o permitiu.

Um bello dia, porém, sentiu que sufocava e a medicina aconselhou-lhe que subisse a Serra do Mar.

Algun tempo depois, vi-o em Sorocaba, passeando a sua magreza de muma geláda pelas ruas quasi ermas d'essa poetica cidade.

Viu-me, conheceu-me, quiz fallar, fallou, mas eu não ouvi nada, porque o Fidelis não tinha voz.

Mas, pela sua mimica, percebi que me queria dizer que estava melhor e que, da sua grave molestia, só lhe restava então aquella insignificante aphonía.

Pois essa insignificante aphonía, esse tondonada de molestia é que atirou com elle, agora, na cova.

E assim se foi o Fidelis, o enorme, o originalissimo Tartarin de Santos, cuja voz velada, ainda hoje retine ao meu ouvido, a dizer-me tremula, atravez de um cachenez de lan, n'um dia de grande calor, á porta da sua logita de armario:

— Doutor; a primeira vez que o grande Martim Affonso entrou em Santos foi a 20 de Janeiro de 1532; eu sahi de Santos e fui pela primeira vez ao Rio em 15 de Janeiro de 1865. Veja que coincidência !...

Onde estaria elle, se continua os estudos !...

A terra te seja leve, e quente, incomensuravel e friorento Fidelis.

Outubro 93.

GARCIA REDONDO.

A EPOPEIA DO VERDE

A VALENTIM MAGALHÃES

Desperta dentro em nós mundos inteiros,
Enche-me o sangue d'energias raras,
A verde cor humana dos salgueiros
E a perspectiva alegre das searas.

Como sorrisos de mulher amada,
Ha tons d'um verde flammejante e vivo
No freixo humilde que reverte a estrada
E no robusto castanheiro altivo.

Por entre atalhos, varseas e hortejos
Ouve-se um hymno sensual de beijos,
Com que a noss'alma se consola e perde :

E' o musgo e a hera e a laranjeira em flor,
Executando uns tremolos d'amor,
Na violenta sensação do verde !

Paris.

XAVIER DE CARVALHO.

A VIDA

DO MEU CADERNO DE IMPRESSÕES

(Tradução de Domingos A. Meira)

Os cemiterios são calumniados.

E' costume dizer-se que são tristes e sombrios e falla-se delles com um calefrio de horror. Acredita-se que nelles se encontra frente a frente a morte a cada momento. E' um engano.

Eu ia visitar os tumulos das minhas duas filhinhas.

Eram sete horas da manhã, manhã rosada e fresca, colorida ternamente pelos primelros raios solares. —

Não encontrei os rouxinoes de que nos falla com tanta emoção Alphonse Daudet.

Não ha rouxinoes no Brasil.

Mas tive occasião de apreciar alguma cousa de extraordinario. Senão, ouçam. As arvores funereas estavam carregadas das pedrarlas scintillantes do orvalho e ornadas de diademas de esmeraldas e topazios, onde o sol brincava alegremente. Afinal nada tinham de funebre. O ar, puro, fresco, dilatava deliciosamente os pulmões. Flôres por toda parte. Ellas cobriam o solo, á beira das aléas arenosas, e sobre os tumulos formavam tuffosos jardinsinhos. cheios de rosas vermelhas e brancas, jasmins e folhagens variegadas. Tudo aquillo res-cendia um aroma muito agradável. Os

unjos carpideiros dos mausoléos pareciam regozijados nas suas llas tunicas de marmore, tão alegre em a luz e o ar acariciador.

Havia tumulos tão carregados de flôres desabrochadas, onde beija-flôres e borboletas dançavam vivamente, que as pessoas, vendo-os, esqueciam-se ali, sem se preocuparem mais com a Idéa do além-tumulo do que se estivessem em um jardim profano, fosse de Armida ou dos Capuletos.

Viam-se tambem sepulturas nuas, ennegrecidas pelo tempo e pelo abandono, cujas inscripções se apagavam, mas ali! menos depressa do que da memoria da familia do morto. Essas não tinham sequer um pésinho de herva para desentristecer a sua desolação.

Esses tumulos eram sombrios, mas eram esses justamente os mais procurados pelos passarinhos, os quaes sobre as pedras limosas bicavam-se, brincando. Dir-se-hia que o bom Deus enviara aquellas avesinhas expressamente para consolar os pobres abandonados, que estão sob a terra, da ingratidão de seus amigos.

Por toda parte ouviam-se cantos juvenaes. Eram esfusiadas de notas debulhadas no ar matutino, como perolas caindo em cascata dentro de uma bacia de prata.

“Orai por elle” diziam os tumulos. E como os parentes e amigos dos mortos estavam ausentes, os passaros oravam pelos mortos. E o Senhor os escutava, certamente. Nada ali havia que fallasse da morte.

Nem mesmo os coveiros.

E' verdade que elles cantavam e abriam covas como os coveiros de Shakespeare, porém o que cantavam era uma aria da moda e pareciam abrir covas para as flôres.

A morte e a primavera casavam-se alegremente e os passaros celebravam seu hymeneo.

A Morte..... que digo eu ?

Que pessoa ou cousa nos falla aqui da Morte? Ninguém; nada. E' a Vida, a Vida, sim, que brota por toda parte. Estas flôres, estas avesinhas, estes renovos primaveraes, este alegre sol, esta frescura, estes perfumes, estes gorgeios, tudo isto só nos falla da Vida. E os proprios mortos, coitados! éda Vida que fallam. Porque é dos seus corpos que vem o germen fecundante das plantas; são elles proprios que sorriem agora no pequeno coração escarlate das rosas e que nos saúdam com os braços inquietos dos arbustos. Ali estão os bellos olhos de Ophélie, que nos espiam daquelle tumulosinho branqueado de cal... sim, nas violetas, que ella amava tanto e que seu irmão desejava ver nascer sobre a sepultura della. Quereis ver as mimosas mãos patricias de Julieta? Ellas não atiram mais a escada de seda a seu Romeo querido: florescem agora nestes soberbos lyrios.

A morte não é senão uma mudança de fórma; a essencia, o espirito fica; elle se furta de nossos olhos para ir insufflar a vida alhures. Nossos mortos nos cercam, nos acariciam, nos acompanham, até que nos chegue a nossa vez de nos reunirmos a elles no seio calmo e impenetravel do Desconhecido.

A Morte é a Vida.

VALENTIM MAGALHÃES.

(Do “Brésil Republicain”).

CURIOSIDADES LITTERARIAS

Theophillo Gautier, havendo sido convidado a jantar pelo architecto da Opera, respondeo-lhe com a seguinte peça, em que ha sessenta versos rimados unicamente em "ton":

26 Octobre 1867.

Garnier, grand maître du fronton,
De l'astragale et du feston,
Mardi, lâchant lâ mon planton,
Du fond de mon lointain canton
J'irai chez toi, tardif piéton,
Aidant mes pas de mon bâton
Et précédé d'un mirliton
Duillus du feuilleton,
Je viendrai portant un veston
Jadis couleur de hanneton.
Sous mon plus ancien hoqueton,
Les gants et le col en carton,
Les poitrails à la Benoiton
Et les diamants en bouton
Te paraîtrai de mauvais ton,
Pour ce fraternel gueuleton
Qu'arrosera le piqueton.
Que ce soit pouje ou caneton,
Perdrix aux choux ou miroton
Lâté de veau froid ou de thon,
Nids d'hirondelles de Canton,
Ou gousse d'all sur un croûton
Fâison ou hachis de mouton,
Pain bis, brloche ou panaton,
Argenteuil au Branne-Mouton,
Clêre ou pale-ale de Burton,
Chez Lucullus ou chez Canton,
Je m'emplierai jusqu'au menton,
Avalant tout comme un glouton
Sans laisser un seul rogaton
Pour la desserte au marmiton.
Pendant ce banquet de Platon
Mêlant Athène à Charenton,
On parlera de Wellington,
Et du soldat de Marathon,
D'aspasie ou de Mousqueton
Et du Saint-Père et du santion;
Chacun lancera son dicton,
Allant du char de Phaéton
Aux locomotives Crampton,
De "l'Italle" à "l'Oncle Tom"
Et de Babylone à Boston.
A très grand'peine saura-t-on
Si c'est du basque ou du tenton,
Du manscrit ou du bas-breton...
Puis, vidant un dernier rhyton,
Le tenor ou le baryton,
Plus faux qu'un cornet à piston,
Sur l'air de: "Tontaine, tonton,"
Chantera Philis ou Gothon,
Jusqu'à l'heure où le vieux Titon
Chasse l'Aurore au frais t...
Mais il faut finir ce centon
A la manière d'Hamilton,
Où j'al, pour mieux rimer en "ton,"
Falt de la muse Jeanneton.
Dans mon fauteuil à capiton,
En casaque de molleton,
Collé d'un bonnet de coton,
Je m'endors et je signe: Ton...

Ami de cœur et de plume,

Théophile GAUTIER.

Este "tour de force" foi muito apreciado no tempo em que foi publicado, ha 24 annos. Pensamos que agradará aos entendidos nas dificuldades da Metrica; por isso e por ser pouco conhecido, conquanto figure nas suas obras completas, é que o reproduzimos.

TRAÇA DA SILVA

COVARDIA

Sombra que adóro e temo, oscúlo e odelo,
Fugirte ao encanto embalde aspiro e tento,
Se bem longe és de mim n'este momento,
Toda escarneo sorris dentro em meu seio.

Quando foste eu te disse e até jurei-o
Eterno adeus de eterno esquecimento,
Mas bem longe és agora — e é meu tormento
Maior — ver-me de ti sómente chelo...

Quero esquecer-te — e mais te anexo e vejo,
Lembro que me feriste cruelmente —
— Resisto e soffro, lucto e te desejo...

En'esta lucta a alma se me exaha,
Morro sorrindo, aos poucos, lentamente,
Morro beijando a mão que me apunhala!

Resite.

PLACIDO D'ALMEIDA.

POESIA E POETAS

PHANTOS — Versos de Lopes Filho.
Impressos em Fortaleza e editados
pela Padaria Espiritual — 1893. 68
pags.

Exquisite poeta e livro exquisiteso.
Começa a exquisitesice pelo titulo da
obra. "Phantos," chama-se o livro.
Não me dirá o poeta que bichos serão
estes? Na impossibilidade de saber-o,
passo adiante, mesmo porque o espaço,
hoje, como os generos de primeira ne-
cessidade, está pela hora da morte.
Estamos em tempos de economias.

O livro vem prefaciado por Antonio
Salles, e consta de 45 biscoutos, digo,
45 poesias.

Como os versos sahiram da Padaria
Espiritual, tomei-os por biscoutos; que
me desculpe o poeta. Em todo caso
devem ser mais tragaveis que legiveis.
Senão vejamos.

Preparemos o paladar do entendi-
mento, já estimulado com o "vermouth"
do prologo do Sr. Salles, que, sincera-
mente falando, é escripto em saborosa
linguagem, que mais lembra fino mos-
cato d'Asti, que quaesquer destes reles
"vermouths" com que os botequins nos
envenenam.

Passemos ao espirital alimento.
Adeus, minhas encomendas! Isto
não é pão, é pau.

Veja se digere esta codex, leitor; dê
ás mandibulas, tenha paciencia.

"Tendo por mareantes, Colombos juvenis."

(quarto verso do 2º soneto da col-
lecção.)

Hein? Que tal? Durinho, não é ver-
dade?...

Do mesmo soneto;

"E, ao luar, nos gemem ais caros e dolentes."

Outro naco, ainda do mesmo:

"Que anda buscando sempre a Primavera."

(Um pobre decasyllabo perdido no
meio de 13 alexandrinos, que, ao verem-
no occultar-se envergonhado no fim do
primeiro terceto, começaram a fazer-
lhe gaifonas e a dar-lhe encapellações.
Creio que foi por esta razão que os ale-
xandres do segundo terceto, perdidos
de riso, entraram a dar cambalhotas
esquecendo-se inteiramente do passo).

"Terra do Ideal, ó Novo Mundo Sonhado!
Abre o teu seio! ao ente desesperado,
Ao doído, ao sonhador, ao filho da chimera!"

E' o caso de dizer: — "Acerta o passo
Ignez, outra vez."

Agora esta codex de outro soneto, o
quinto:

"Si apenas ouço em mim o triste 'dô,'
Dentro do peito onde o amor está?"

(O grypho é do poeta.) Que grande
homem este! Com a mesma facilidade
com que faz versos allmenticios, agrava-
ndo a dyspepsia dos espiritos, canta
os "Hinguenottes," talvez; talvez a
"Aida," emittindo dós de peito. Ah!
se o tenor que está presentemente no
Polytheama, a escanhoar a voz do
"Barbeiro de Sevilha," a apanhasse,
que pechincha!

Outra maravilha:

"Mas idones benditos do Passado,
Onde pairam vocês? em que palz?"

O bardo cearense a querer talvez
matar o bicho aos broncos dos ideaes e
ellos sem se mecherem!

Que biltres! Deram ás de Villa Diogo,
e, a esta hora, estão talvez em Baturité,
tocando viola ou leques com bandurra!
Que o Sr. Lopes annuncie pelos jornaes,
dando os signaes certos, e verá se elles
apparecem ou não.

Outra:

"Que roubam alta noite as pobres creancinhas,
Para comel-as, como se fossem aves-linhas..."

(Comer o boi, que tem couro duro!)
Chave de ouro no soneto, "No
campo:"

"E o bosque e as aves me conhecem todos,
Pois, eu llo ouvil-os (e com que bons modos!)
Dizer: — bom dia! abus' olá; João!"

Grande terra é o Ceará! Lá até as
aves sabem cumprimentar a gente. Não
sei como ellas não disseram ao poeta:

— Volta hoje? traga a Gazeta! Como
vae de sua tosse? Anfe, yoyó, fale com
os pobres; não seja emproado; guarde
seus quatro vintens!

Nada, fico por aqui. Não tenho dentes
para isto. De vez em quando aguenta-se
com uma bolacha, com muito pouco
sal, valha a verdade!

Não fosse o preparador da massa
decadista!...

Achamos porém que elle é, não deca-
dista, mas, decadente; tanto assim que,
quando impinge ao leitor uma resca
dura, a primeira coisa que este faz é
gritar-lhe: "dê cá dente!"

Decadista ou decadente, isto não vem
ao caso. O que convem dizer é que, ou
fosse que o poeta não tivesse sabido
preparar a massa dos seus versos, ou
fosse que a padaria tivesse aquecido de
mais o forno, o que não padece duvida
é que a quitanda sahiu-lhe bem estraga-
dinha, benza-a Deus! Rala pura! De
pães molles não vem um só que seja.

Minto, encontrei no fundo do cabaz
este bom bocado perdido:

"Tem a elegante "pose" das graciosas
Fidalgas de Aragão ou de Granada;
Quando contemplo-a não encontro nada
Que iguale essa que é bella entre as formosas"

Si falla, que de notas maviosas,
Saltão seus labios — expressões de fada —
Threnos de ignota, divinal ballada,
Ao som de uma harpa em moites invernosas...

As raras perlas de Ceylão, nitentes,
Não tem a alvura de seus bellos dentes,
Mais rijos e mais alvos que os diamantes...

Sen olhar me fulmina e causa medo:
Fere-me o peito como as penetrantes
Cimitarras mouriscas de Toledo!"

Bravos! fale-nos, assim, em lingua
de gente, que não haverá quem não o
entenda. Até um surdo-mudo!

Ah! se o Sr. Lopes, longe de envolver
a sua Imagnação no manto mystico dos
nephelibatas, calando-lhe nos pés os

sapatões do decadismo, tivesse-a enfiado na túnica artística do parnaziismo ou n'uma "toilette" moderna, estamos perfeitamente convencidos de que em vez de nos dar pão bolorento, ter-nos-ia servido ao paladar, mal acostumado com os acepipes fina e levemente temperados pelos parnaziianos, deliciosas ambrosias e confortantes nectares.

Portanto, meu caro poeta, descalce a imaginação! Arranque-lhe já dos pés os sapatos decadistas, afim de ver se a pobresinha caminha desassombrada, livre de callos e joanetes!

ASCANIO MAGNO.

CHRONICA DO SPORT

TURF-CLUB

Esta sympathica e conhecida sociedade sportiva realizou no dia 23 do corrente, uma esplendida festa em seu elegante prado, com um programma "hors-ligne" e que constou de 7 pareos esplendidos e difficéis no dizer dos entendidos.

Ao divertimento fidalgo assistiu toda a imprensa, inclusive a SEMANA, que envia a toda a directoria do Turf-Club os seus sinceros agradecimentos pela maneira assaz distincta porque foi recebida, assim como todos os demais collegas e convidados.

Nos sete pareos realizados foram estes os animaes vencedores em 1º lugar: Milano, Huron, Zut, Crystal, Rayon-d'Or, Pluton e Hercules; em 2º lugar obtiveram os premios os parselheiros seguintes: Brest, Druid, Saint-Jacques, Saint-Sylvestre, Cerbère, Purús e Hermit.

O divertimento terminou á hora habitual, tendo sido extraordinaria a concurrencia ao elegante prado do Turf-Club, que pôde inscrever no livro de suas festas mais um successo extraordinario.

Agradecidos pelo convite.

FRONTÃO LAVRADIO

Este frontão, apesar de não estar ainda completamente preparado para funcionar, realiso no dia 26, uma pequena festa de experiencia, com um programma bem combinado e no qual sobresahiam os nomes mais conhecidos jogadores da péla. O jogo começou ás 2 horas pouco mais ou menos e correu sempre na melhor ordem até finalisar, tendo sido bastante regular a affluencia de convidados á nova casa de diversão. O interior do Frontão Lavradio não pôde ser melhor; a "canha" é esplendida e excellentes as accomodações para o publico. Agradecemos o convite que a directoria nos enviou e fazemos votos para que se realice quanto antes a grande festa inaugural do Frontão.

J. DERBY.

OS COLLEGAS

Appareceu em Ribeirão Preto, Estado de S. Paulo, "O Setimo Districto" que tem como director um moço laureado nos prelios das lettras—Alfredo Pujol—O magnifico artigo-programma é uma affirmação solemne do bello talento do seu director.

Cumprimentamol-o.

Recebemos o 1º numero da "Revista Industrial de Minas Geraes", que appareceu ultimamente em Ouro Preto sob a talentosa direcção do Sr. Dr. Alcides Medrado.

É uma publicação de utilidade incontestavel e por isso desejamos que encontre o apoio que merece.

O 1º numero é variado e interessante como se depreheende do seguinte sumario:

O NOSSO PROGRAMMA.—EXPLOITATIONS AURIFERES DE MINAS GERAES, Paul Ferrand.—LEGISLAÇÃO SOBRE A EXPLORAÇÃO DAS MINAS DO ESTADO DE MINAS GERAES.—AMIANTO OU ASBESTOS, Francisco de Paula Oliveira.—MINERALOGIE, Costa Sena.—EMPRESA DE MINERAÇÃO DO CAETIÚ, C. Prates e A. Guimarães.—LABORATORIO DE DOCIMASIA DA ESCOLA DE MINAS.—O CARBORUNDUM, E. H.—REVISTA BIBLIOGRAPHICA.—INFORMAÇÕES.—BOLETIM METEOROLOGICO.

ATRAVEZ DE UM SONHO

Sonho-te... Desces de um astro,
Olhas-me calma, a sorrir,
E logo, em prantos, de rastro,
Busco aos teus olhos fugir.

Porém, attonita, volta
Minh'alma, em breve, anciosa:
Sobe-te á coma revolta
E fica a brilhar, radiosa.

Porque este amor me desvaira,
E a um tempo me assombra e attráe;
Minh'alma, ora no alto paira,
Ora em soluços se esvae.

Mergulha em trevas, e arrasta
A túnica azul dos sonhos
Por uma região nefasta,
Cheia de espectros medonhos.

Mas quando a rosea cortina
Abres das palpebras, vem
A luz que tua alma illumina
Illuminar-me tambem.

É como um deslumbramento;
Céga-me o olhar tanta luz;
E eu, na aza do pensamento,
Sigo o amor que me conduz.

E entro os paramos radiosos
Dos céus, que os astros habitam;
Sigo-te... E brancos, medrosos,
Todos os astros palpitam.

Pois n'um vôo incerto e vario
Passas, levando no olhar
Todo o fulgor de um sacrario,
Todo o esplendor de um altar.

Desces e eu sigo-te... E voando
Vens por um céu amplo e immenso,
Pelo caminho deixando
Um jorro de astros suspenso;

E a seguir-te o passo de anjo,
—Na palma aberta da mão
Todos os astros abraço
Para espalhal-os no chão;

Porque é mister que perdure
Toda esta pompa estrellada,
E a Via-Lactea fulgure,
A teus pés desenrolada.

JOÃO ANDRÉA.

OS CHARUTOS DO GARNIER

O abaixo assignado, pelo pouco que conhecia o velho editor Garnier e pelo muito que lhe disiam delle os que o conheciam muito, tinha-o na conta de um Harpagon de quatro costados.

Millionario que aproveitava os pedaços de barbante e o lacre das cartas e volumes que recebia!

Se as notas testamentarias (de testamento que não chegou a fazer, naturalmente para poupar-se o desgosto de dispor do que tinha mesmo para depois de morto) se até isso, elle escreveu em costas de cartas, para poupar papel!

Entretanto, um topico, do magnifico artigo escripto pelo nosso grande Machado de Assis a proposito da morte, do seu editor, biographando-o, fez o abaixo assignado modificar notavelmente o seu juizo ácerca da "vinagrice" do famoso livreiro.

Escreveo Machado que a unica distracção e o luxo unico que o Garnier se permitia era fumar, e fumava charutos dos melhores.

Quem tem coragem para fumar charutos optimos, para fazer arder o seu dinheiro, não é dos avarentos mais sortidos.

Agora, porém, apparece-nos Arthur Azevedo contando-nos, pel' O ALBUM que, de uma vez que foi falar ao Garnier, encontrou-o fumando um charuto pessimo!

Quem tem razão: Machado ou Arthur? Os charutos de Garnier eram optimos ou pessimos? Grave questão!

Acredito, entretanto, que fossem detestaveis. Primeiro, porque seria maravilha psychologica que tão feroz aváro tivesse denodo bastante para gastar em fumaça uma parte apreciavel do dinheiro que enthesourava á custa de privações de toda sorte; segundo porque entre a opinião do autor de "Braz Cubas" e a do autor dos "Contos Possiveis" em materia de fumo, deve prevalecer a deste: Machado de Assis tem a rara virtude de não fumar. Os charutos do Garnier eram infames.

E lá se me vae, desfeita em fumo, a derradeira illusão ácerca da grandeza d'alma do nosso Charpentier... "pour rire!"

FISCHIO.

A RUA DO OUVIDOR

D'entre os beccos do Rio de Janeiro
Tu não és, na verdade o mais lodoso;
És porém, com certeza, o mais vaidoso,
Indiscreto, pedante e assaz brejeiro...

És, sem duvida, o mais politiquero,
Enfatuado, nescio, presumpçoso;
A calumnia alimentas, ocioso,
E até da honra alheia és o covreiro.

Commentas com igual sufficiencia
O que sabes e tudo o que imagina
E engendra a pertinaz maledicencia.

Mas quero-te na prosa não ferina,
E adoro em ti a farta concurrencia
De typos da belleza feminina.

27 de Agosto de 93.

A. F. NEVES ARMOND.

Factos e Noticias

Passou pela pasta das relações exteriores o illustrado Dr. Carlos Augusto de Carvalho.

Vamos dar a noticia de sua entrada para o Governo; mas só o podemos fazer á de sua voluntaria exoneração. Entrou por uma porta e sahio pela outra, como nos contos da carochia.

Foi nomeado para substitull-o, o Dr. Alexandre Cassiano de Nascimento, ex-leader da minoria da Camara.

Foi nomeado ministro do supremo tribunal federal o illustrado lente de clinica pediátrica (molestias de criança) da nossa faculdade, Dr. Candido Barata Ribeiro.

Jayme de Seguíer, o extraordinario chronista do "Ver, Ouvir e Contar" do "Jornal do Commercio", mandou-nos de Bordeaux amistosos cumprimentos. Agradecemos o requintado cavalheirismo do notavel litterato.

Xavier de Carvalho, o director da "Revista", enviou-nos tambem felicitações e um esplendido soneto a que damos publicidade.

Publicamos hoje uns magnificos versos de Alcides Flavio. Não precisamos dizer que sob esse pseudonymo occultava-se um litterato de primeira agoa, um artista esculpido que, longe do bulicio desta revolucionada capital, cultiva com igual amor a medicina e as letras.

A remessa dos versos de Alcides Flavio foi para nós uma bella surpresa. E' tambem o indicio de que o nosso distincto amigo tenciona "adejar" nestas columnas.

O director da REVISTA, — excellente publicação illustrada que se publica em Paris, — o distincto escriptor Xavier de Carvalho, convidou por carta ao nosso director para ser representante e correspondente litterario daquelle folha no Brasil, honroso encargo que foi por elle accedido. Proximamente daremos noticia dos numeros da REVISTA publicados até hoje.

NÓS E O CORREIO

Posto que os nossos estimados collegas do "O Paiz" tenham tão cavalheirosamente relatado o facto de que fomos victimas na noite de 21 do corrente, vamos reproduzill-o nos nossos assignantes, que certamente notaram a demora da folha.

Às 11 e 30 da noite de 21 remettemos á repartição do correio, como de costume, os exemplares que deviam seguir pelo correio ambulante. D'ahi a pouco voltou o nosso empregado e declarou-nos que o chefe do serviço, um 2º official, recusou-se receber a nossa folha e tratara-o asperamente quando elle fizera ver ao energumeno funcionario que já por ONZE vezes A SEMANA havia sido recebida áquella hora e, ás vezes, mais tarde. O homemsinho a nada quiz attender.

À vista disto o redactor-gerente desta folha, acompanhado por um amigo, dirigiu-se á repartição do correio e mandou dizer por um servente ao 2º official chefe que pedia como especial favor recebesse A SEMANA, que estava preparada de modo a dar insignificante trabalho, por isso que todos os exemplares estavam emmaçados e com designação das linhas de correio. O servente subio

a fallar com o chefe e voltou declarando que o mesmo chefe disséra "não receber A SEMANA, e que nós a levássemos á estrada de ferro!"

E' preciso que fique o publico sabendo mais o seguinte: a nossa expedição para S. Paulo, Minas e Goyaz é de cerca de 2.000 exemplares, que, rotulados e emmaçados, fazem um volume de 90 centimetros de altura, sobre 23 de largura. E, assim, mesmo que na repartição não fosse manipulada a distribuição, o dito chefe podia, como tem sido feito, mandar conduzir o pacote no bonde do correio para a estrada de ferro.

Não desejamos a punição do tal empregado, mas pedimos sómente que S. S. ponha de parte o azedume quando tiver que tractar com partes que se conduzem delicadamente.

Pedimos tambem que o Sr. director dos correios nos declare se podem ser recusados os nossos exemplares e até que hora podem elles ser postados na repartição do correio geral, affim de que sigam pelo ambulante.

Agradecemos aos nossos distinctos collegas do "O Paiz" a fineza da reclamação.

Tratos á bola

Trago-vos hoje lenha boa que é um gosto. Fogo nella, portanto.

Hoje não posso ter o prazer de convosco confabular durante muito tempo; o espaço como "o cobre," nestes tempos calamitosos que atravessamos, — é curto.

Portanto mais á obra.
• Tive ainda agora o prazer de receber decifrações dos ns. 9 e 10, que me foram mandadas por alguns thebas retardatarios.

São elles os Insignes "Harry Clifford," a quem agradeço as delicadas expressões com que se dirigio cá ao velhote, e as boas charadas que dignou-se enviar-me, "D. Magriço, Thiamor," que teve tambem a bondade de mandar-me reforço, e "Mafa & Kean, cuéras" que pela primeira vez se me apresentam.

"Violetina" sempre gentil, além de charadas, mandou-me este bilhete de visita que muito agradeço. E' um ramo de flores com que o triste religioso val adornar as nuas paredes da sua caverna.

Eil-o:

QUADRO

"Surgindo já vem a aurora
Annunciando a manhã,
E a natureza desperta,
Em suas galas, louça.

Canta, canta o passarinho
Sobre o arvoredado frondoso;
Geme e chora a rola afflicta
Num queixume mavioso;

Inda aquecido do ninho,
Vem sahindo o gaturamo,
E saltando, satisfeito,
Assim vae de ramo em ramo."

VIOLETA.

Bravos, a formosa collaboradora dos Tratos, que faz com que o decrepito monge supporte com cara alegre os ciliacos e o jejum!...

Os tratos do numero passado foram decifrados em primeiro logar por "Nec-kwer, soldado novo que, se fôr sempre assim a cantar victoria, d'aqui ha pouco está general e que mal jurou bandeira regalou-se logo com o premio (venha buscal-o) e em seguida por "Bibliophi-

lo," que, como da vez passada, perdeu só por uma unha de facto (se elle tivesse dado um pouco mais de sebo aos calcanhares...): "Valerius Madlrena" (que só tropeçou na bisada) "Violetina," que só deixou de pescar dois peixes. Todos os outros cabram-lhe na rede que foi um regalo! E mais dos thebas habituaes.

As decifrações do numero 11 são estas:

- 1.ª Remedio.
- 2.ª Laranja.
- 3.ª Riachuelo.
- 4.ª Carepo-capa.
- 5.ª Relampago.
- 6.ª Itacolomy.
- 7.ª Cerveja.
- 8.ª Carriça.
- 9.ª Corcovado.

Tambem a "Urubú Malandro & Rapa Queijo" a minha gratidão pelos seus offerecimentos e pela charada remetida que verão figurando abaixo.

Para hoje temos as seguintes "bologens."

CHARADA ALEXANDRINA
Elle—segundo diz Roquette
Pelxe é do rio, singular;
Ella—é menina mui coquette
A quem podemos adorar.

THIAMOR.

ANTIGAS

Pode ferir—2
E até cegar,—1
Mas, entretanto,
Vive no ar.

MAFA & KEAN.

Sem ser ave aos ares vou—1
Quando no chão devo estar;—1
E' vate que conquistou
Nome que ha de perdurar.

A vogal reside na fructa—1—2.

FRITZ.

A musica da roupa dá luz.—1—1.

Chupa o rio o abysmo.—2—2.

MARQUEZ.

A FREI ANTONIO

No matto ha este instrumento; que ande o charadista para esta cidade. —2—1—1.

URUBÚ MALANDRO & RAPA QUEIJO.

Agora retoma a palavra o "dégas:"

LOGOGRYPHO

(por letras)

Ao ver a deusa bella, —5—6—4
Elle, o guerreiro antigo, —1—2—3
Disse: "Linda donzella, —2—3—4
Neste lugar comtigo, —1—4
Eu não darei um passo.
Teu corpo, se faz isto, —1—4—6
Sustel-o-ha meu braço!...
E' só por ti que existo.
Os annos é que fazem—2—3—4—5—6.
Que assim, ó flor te chame"—5—6—2—3—4—5—6
Pois d'ella satisfazem.
O ar, e a agua; embora se derrame
Esta agua e ar de modo tal, leitor,
Que eu quero ver quem d'ella é o matador.

Acaba o Pirolito que bate, que bate, que já bateu—1—1—1.

Attendendo a reclamações de tratistas de S. Paulo e Minas, que não podem, pela distancia, concorrer com os d'aqui, além do premio do costume, damos mais um ao primeiro "matador" de S. Paulo e outro ao primeiro de Minas. Vamos ver agora quem tem melhores garrafas vazias para vender: se a gente "di cá," se a "di lá."

FREI ANTONIO.

ANNUNCIOS

ESTABELECIMENTO
HYDRO E ELECTRO-THERAPICO

DOS

Drs. Avellar Andrade e Werneck Machado
115 — Rua Sete de Setembro — 115
Rua da Carioca, 12 e 14
FILIAL EM PETROPOLIS

CHAPELARIA AMERICANA

EM FRENTE A' CASA PASCHOAL
CARVALHO PORTUGAL & C.

133. Rua do Ouvidor, 133
Importação por todos os paquetes
Completo sortimento de chapéus para homens,
senhoras e crianças, guarda-chuvas, bengalas, etc., etc.
Rio de Janeiro

FABRICA ORPHANOLOGICA

DE

FLORES ARTIFICIAES

Ribeiro de Carvalho & C.
RUA DO PASSEIO

Têm sempre um grande e escolhido sortimento de grinaldas, flores,
etc., etc

Gabinete de Cirurgia e Prothese Dentaria

DE

A. F. DE SÁ REGO

1 — Rua de Gonçalves Dias — 1

Este importante e antigo Gabinete, tendo passado pela,
reformas exigidas pelos processos da moderna odontologia,
acha-se equiparado áos melhores da Europa pelos esplên-
didos aparelhos e instrumentos de que dispõe habilitando-o
a apresentar trabalhos

ainda pouco conhecidos no Brazil

Collocação de dentaduras fixas, sem chapa, e sem extracção
de raizes ou dentes

TRAVAIL A PONT

Extracção de dentes sem dor, por meio do *Coryl* de
M. M. JOUBERT, de Paris. Aparelhos para correcção das
anomalias de implantação, obturadores para a abobada pala-
tina e veu do paladar, etc., etc.

Obturação e reconstrucção de dentes a ouro perfeittissimas.

Concerta-se qualquer dentadura que não esteja perfeita na
bocca, mediante pequena retribuição.

Consultas e operações das 8 horas da manhã
ás 10 da noite.

RIO DE JANEIRO

Dr. R. Rajardo

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hospicio n. 22, das 2 ás 4 horas
Residencia Praia do Flamengo n. 96 .
TELEPHONE 5032

DR. HENRIQUE DE SÁ

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12
Das 12 ás 3 horas

Dr. Ed. Chapot Prévost

Lente Cathedratice da Faculdade

Gynecologia e Operações

23 — RUA DA QUITANDA — 23

Das 2 ás 4 horas
Reside na Rua Alice n. 3 — Laranjeiras

DR. VIEIRA SOUTO

Medico e Operador

Especialidade : *Partos e Molestias das Senhoras*

Residencia e Consultorio :

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas Telephone 1138

PIANOS E MUSICAS

FONTES & C.

Rua dos Ourives 51

Telephone 1051

RIO DE JANEIRO

Papellaria LUIZ MACEDO

64, RUA DA QUITANDA, 64

Importação de papel de todas as qualidades.
Completo sortimento de livros e objectos
para escriptorio e de fantasia.